

dealbar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

ANO II NÚMERO 11

SÃO PAULO, JANEIRO DE 1968

PREÇO NCr\$ 0,20

NOSSA MENSAGEM

JÁ vão se distanciando os dias de efusiva devoção em que todos desejam o bem a todos, com beijos, presentes, apertos de mãos, repiques de sinos e goles de inebriantes bebidas que aumentam generosamente a bazarria das festas. Nesses dias, o despreendimento e a filantropia estendem o seu manto protetor e a alegria jorra em catadupas com significação de verdadeira fraternidade Universal. Nessa hora, o forte desejo de viver um mundo de paz e de harmonia esterioriza-se em multicoloridas formas e até com improvisadas demonstrações carnavalescas. Parece que o mundo já não é o mesmo. Em cada cara há, mesmo que seja um pouco, sentida alegria de viver.

Mas, com a marcha das horas, os risos começam a anuviar-se e os rictos melancólicos voltam novamente aos rostos. É que os fervorosos augúrios que se fazem nesses dias, são feitos por rotina, anualmente, em dias marcados, mas na verdade pouco ou nada importa a cada um, a felicidade ou bem estar dos outros. Passada a euforia do momento, o entereiro ciclônico e violento da luta pela vida afasta novamente os homens e ninguém mais se lembra do bem tão desejado ao próximo. A luta de todos contra todos recomeça, se amplia, se intensifica e explode em ódios e

rancores, e àquelas mesmas pessoas, todo ternura e amor que pareciam doar o próprio coração, lutam entre si puxando cada qual e como pode, os seus estritos interesses particulares.

Há, em tudo isso, um determinismo social que anula e sobrepuja a própria vontade de ser bom. O temor e a insegurança do dia de amanhã; a disputa fraticida das oportunidades que são poucas, e o medo aterrador de ter que pertencer à baixa camada social, são estimulantes degenerativos que transformam totalmente os homens. O conflito generalizado para se conseguir a subsistência, o conforto, o luxo e a extravagância, impermeabiliza os instintos naturais da sociabilidade humana e animaliza o Homem.

Estas não são congeturas pessimistas extraídas num momento de mau humor.

Antes de mais nada, é uma constatação de fatos que se precipitam em favor da nossa tese. Estamos já navegando em plenas águas do 1968, com as mesmas apreensões, as mesmas incógnitas e as mesmas sinistras interrogações dos anos anteriores. Sopram ventos belicosos em todas as direções e não há, em qualquer ponto do nosso planeta, um vislumbre sequer, de abrandamento nas chocantes condições contratuais que

ditam a vida em sociedade. Tudo continua como dantes, não há uma esperançazinha de dias melhores e nem uma iniciativa encorajante. Os que têm todo o interesse em mudar as coisas para melhor, não podem fazê-lo; e os que podem fazê-lo não têm interesse. Esse contraste agressi-

vo, violento e até inconcebível, desmerece a raça humana e inferioriza-a na classificação zoológica. É de crer-se que não há outra espécie animal que esteja organizada em bases tão desumanas. E, o que é pior, conscientemente desumanas.

Final de contas, as festas

de Natal e Ano Novo representam somente uma oportunidade para exteriorizar o espírito de fraternidade que vive latente em cada ser humano ou é, apenas, uma ocasião para fingir que se é bom?

Sinceramente acreditamos na primeira hipótese. E sendo assim, por que não tentar amidiar essas manifestações filantrópicas, que só acontecem anualmente, para que os nossos sentimentos se aclimatem na prática da sociabilidade humana e desse modo criar uma nova mentalidade na distribuição da riqueza social? Por que não dar a essas expansões de altruísmo encomendado, uma estabilidade de ampla justiça social, historicamente reclamada através de lutas, revelações e ingênuos sacrifícios?

A tudo isto se nos ocorre mais uma pergunta talvez ingênua e despicente: será que os homens que têm tudo em suas mãos, dinheiro, armas, privilégios, poderio, opulência e etc., terão a coragem de continuar a manter ainda por muito tempo, três quartos partes da humanidade na miséria e na subserviência?

Perdoem-nos os nossos leitores se ao se iniciar este Novo Ano as nossas palavras não vestem a roupagem festiva tão costumeira nessas ocasiões. Não é de nosso feitio camuflar situações. Prefe-

rimos ficar como sempre, alerta e clamante, com o olhar pôsto no horizonte que se mostra ceptico e conturbado. O momento não comporta distrações, requer atitudes e seriedade nas arguições dos problemas. Mesmo porque os problemas humanos não mais comportam os infundáveis aprazamentos devoradores de gerações. Estamos na época de empreendimentos dinâmicos, e a ciência que maravilhosamente se expande em todas as direções, deve abranger também, o campo da economia social injustificadamente abandonado. É preciso que o homem quando puzer seus pés na lua, não sinta a vergonha de representar uma Civilização corrompida e injusta. Por isso, as grandes conquistas científicas devem refletir-se diretamente na vivência prática e diuturna da vida em sociedade. Sem isso a ciência será sempre devedora de uma parte da sua competência.

Se a despeito da nossa mensagem não se mostrarem otimistas quanto às perspectivas presentes, de amor e prosperidade, é sempre um consolo, aqui vai então, a nossa mensagem fraternal:

Feliz Ano Novo!
E que o sol radiante de um porvir melhor ilumine todos os corações!

DEALBAR



As festas de Natal e Ano Novo representam uma oportunidade para exteriorizar o espírito de fraternidade que vive latente em cada ser humano.
Por que não perpetuá-las?

Gerações e Problemas

Atribuir os demandas da presente geração as gerações passadas é desconhecer o procedimento da mocidade no tempo e no espaço

Afigura-se-nos de não ter havido na história épocas iguais a nossa em que novas gerações fizessem tanta carga cerrada contra gerações que as antecederam, responsabilizando-as, e de modo global, das angústias, dos vícios e das frustrações com que se defronta. Em depoimentos públicos na televisão, temos visto jovens de ambos os sexos culparem diretamente os pais e a geração destes, pelos insucessos e frustrações que sofrem, sobretudo, pela insegura perspectiva que a sociedade lhes oferece. Sem querer blazonar autoridade em tão emaranhado problema, quer nos parecer que não está devidamente equacionado quando se pretende reduzi-lo a uma simples querela entre moços e velhos, ou, para sermos mais precisos, entre a velha e a nova geração. A matéria é de muito maior profundidade, extrapasa os limites das idades e situa-se entre as grandes cogitações sociais que tomam como objetivo principal o homem em si, ou melhor, os homens com seus pendores e particularidades, sem ter em conta a que folhinha pertencem.

Com a devida complacência dos «Esperts» no assunto, nos atreveríamos, para melhor expressar o nosso pensamento, a dividir tão magno problema em dois aspectos de capital importância, que seriam: o primeiro de caráter social, que é o que mais nos interessa no esclarecimento

que nos propomos, e o segundo de fundo puramente familiar, que por sua vez assume os mais diversos aspectos da vida particular ou doméstica de cada pessoa. No primeiro caso entendemos que não se pode tomar uma geração como uma entidade única e indivisível à qual se pudesse culpar ou premiar. Todas as gerações trazem em seu bojo aquela antiteze tão defendida pelo filósofo alemão Hegel e perflhada também pelo sociólogo francês do século passado, Pierre Josses Proudhon. Há fatores determinantes nos meios sociais estabelecidos, que fracionam a geração, dividem os homens que a compõem dando-lhes os mais contraditórios destinos, geradores, na maioria das vezes, de encarniçados conflitos. Dentro de uma mesma geração observam-se profundas discrepâncias de interesses e de escalonamentos sociais que colocam pessoas da mesma idade em posições completamente antagônicas.

Estas divergências notamo-las já entre a juventude que compõem a presente geração. Enquanto uma ala de moços define-se por uma certa facção política, artística ou religiosa, outra o faz em sentido completamente diverso. E, moços há, inclusive, que põem todo o ardor da sua juventude para alimentar e prolongar regimes de força reconhecidamente totalitários, prepotentes e injustos. São estes, na verdade, os mais revoltosos, os que mais

imprecam contra as velhas gerações. Já imaginaram o que dirá a juventude futura quando destes moços totalitários de hoje, constituírem a velha geração? Em cada geração que nos antecedeu houve notáveis parcelas de homens de extrema abnegação que, com despreendimento até das próprias vidas, procuram romper os rígidos condicionamentos políticos, éticos e econômicos, que amparam as desarmonias coletivas. Se se levantar um pouco a cascata da pintura que recobre os tetricos muros que serviram de cadeias nas gerações passadas, encontrar-se-ão manchas de sangue salpicado dos corpos lanhados, e inscrições corajosas daqueles que, em luta desigual contra as tiranias e os despotismos políticos, afirmavam, com seus sacrifícios, a fidelidade aos princípios humanitaristas de transformação social. As deportações, fusilamentos, forcas, cadeias elétricas, câmaras de gás, garrotes, leis de arrocho, espancamentos, sumiços e outras mil diabólicas maneiras de torturas, não são criações recentes e nem foram inventadas especialmente para as gerações modernas. Esses repulsivos processos vêm de longe, de muito longe e néles foram imolados grande número de homens excepcionais que deram suas vidas para que as injustiças sociais fôssem definitivamente removidas. Infere-se disso tudo, que as gerações foram sempre fragmentárias e não se pode, portanto, considerá-las como um bloco único e

com uma única forma de pensar.

Isto posto, concluímos que o mal que tanta aflição causa aos moços de hoje é o mesmo mal que afligiu também os moços de ontem. É um mal que não pode chamar-se de virose de velhas gerações, mas sim, endemias de regimes. E é para essas endemias que a juventude deve assestar os microscópios eletrônicos da investigação social, para que aqueles vírus políticos ultramicroscópios que sempre escapam ao «visor» comum, sejam captados e destruídos em seu poder de contágio. Não é tarefa fácil, bem o sabemos, mas a época é de transição e a transição apresenta-se sempre com visos dilemáticos de onde pode resultar, ou o encaminhamento para uma vida comunitária, humana e justa, ou a repetição e prolongamento dos erros

milenários que ainda curtimos com desgosto. Temos o exemplo ao alcance das nossas mãos com o episódio da revolução russa. Ela representou em 1917 o ponto de partida para a modificação radical da vida em sociedade, tinha tudo para inaugurar novas formas de inter-relações humanas. Porém, os comunistas, embriagados de Poder levaram o Estado à sua mais aviltante hipertrofia, de onde resultou meio século de retardamento nas conquistas dos Direitos dos Homens. Dolorosamente, os erros nas lutas sociais dos povos, não são de fácil correção. Daí todo o cuidado, porque a sua duração é imprevisível. Cinquenta anos de ditadura comunista na Rússia; quarenta e mais anos de salazarismo em Portugal; quase trinta anos de franquismo na Espanha; mais de vinte de fascismo na Itália; quase quinze de

nazismo na Alemanha; outro tanto de peronismo na Argentina; Batista e Fidel Castro em Cuba e outras ditaduras dispersas e disfarçadas em outros países e paízesinhos deste desgraçado mundo, são quadros dantescos de negra história que a nossa juventude deve mirar para não repeti-los e não cumprir-se nessas fraudulentas e trágicas etapas da trajetória humana. Fatalmente os moços de hoje serão os condutores de amanhã. Serão também esmagados pela velha e enferrujada engranagem milenar ou saberão sobrepujá-la. É muito difícil ou quase impossível, nos dias de hoje, dizer aos moços o que se deve fazer; porém, é fácil saber o que não se deve fazer. Os males aí estão, intensos e gritantes, começar a removê-los é sempre um bom princípio.

Pedro Catallo

FRATERNIDADE

Uma constante da vida humana

Num campo de batalha, um soldado ensangüentado olha o firmamento com os olhos esbugalhados e os lábios entreabertos como a perguntar: QUANDO??!! Não muito longe dali, numa cidade americana, entre tiros e destruição, um negro grita: POR QUE??!! Horas depois, numa reu-

não de Sírios e Libaneses, fica declarada a guerra e o ódio eterno aos Israelitas, sendo que um grupo deles raptam e matam o filho de um ex-coronel alemão, o qual morre indagando: QUE FIZ??!!

E assim caminha a humanidade, homens dizimando homens, ódios dando origens a outros ódios e a paz do

mundo calando-se ao grito de guerra. 1968, era da fraternidade, sentimento imorredouro que ilumina a estrada das novas gerações que buscam banir da terra o ódio, o orgulho e a cobiça, que seturpam a humanidade.

Luiz Coelho Neto

DEALBAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Livro B n. 3 sob n. 2.097

EXPEDIENTE

Redação e administração:

RUA RUBINO DE OLIVEIRA, 85

Correspondência:

C. POSTAL, 5739 — S. PAULO

Director responsável:

PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo — Rua Caribaldi, 1093 — P. Alegre, (RGS). Os artigos são de responsabilidade de seus autores.

A degradação das massas

Rádio e televisão a serviço da vulgaridade

Por Artur Uslar Pietri

Do determinismo obtuso e fechado do século XIX ficou, como retardada herança nas consciências sociais, uma concepção mecanicista do homem e da sociedade. Na civilização dos Estados Unidos este fato atingiu, em suas formas aplicadas, aspectos quase ridículos. O chamado «behaviorismo» psicológico, as pesquisas e análises de opinião pública, converteram-se em tal e constante prática, repousando sobre a presunção ingenuamente aceita de que a conduta do ser humano é

o produto de circunstâncias fora de seu controle e, portanto, no fundo, involuntária, irresponsável e mecânica». Numa época em que a comunicação de massas atende à publicação diária de milhões de livros, de milhares e milhares de revistas, à produção de programas de rádio e televisão para nações e continentes inteiros, esta maneira de entender o ser humano pode conduzir a graves e catastróficos erros. Já surgiram os doutores de opinião pública, que não precisarão

de muito esforço para se converterem nos manipuladores do modo de pensar das multidões. Nos países da América Latina aceitamos e começamos a adaptar passivamente este subproduto da civilização do Norte, precisamente no momento em que suas pretensas bases científicas são negadas por toda a nova psicologia irracionalista, pela física probabilística e pela concepção neo-mecânica do mundo. Os medidores e classifica-

dores de opinião, armados de toda uma técnica, lançaram-se sobre o homem da rua, com a ingenuidade dos caçadores de tesouros, a fim de esquadriñar os gostos, as preferências e as opiniões. Sobre essa base constroem-se quadros estatísticos, classificações e categorias e, o que é mais lamentável, determina-se a forma e o conteúdo da comunicação para as massas.

grandes obras da literatura universal teria sido produzida e publicada. Nem a «Divina Comédia», nem Montaigne, nem Shakespeare, nem Baudelaire, nem Whitman, nem o simbolismo. Estariam ainda com o circo romano e os trovadores populares.

Em matéria de artes plásticas o resultado teria sido ainda pior. Todas as grandes épocas criadoras caracterizaram-se pelo não-conformismo. Vem pesquisas de opinião não teríamos Miguel Ângelo, nem o barroco, nem a pintura impressionista, nem o cubismo, nem Picasso, nem o imenso movimento da arte contemporânea. Tudo se realizou com sacrifício, ganhando difícil e lentamente a adesão e o gosto do público. Isto é, pela forma exatamente contrária à pesquisa de opinião. Submeter a televisão e os grandes meios de comunicação de massas de que hoje se dispõe ao império dos medidores de opinião, é destruir, esses mesmos meios de educação e cultura, convertendo-os em odiosas agências de perpetuação da vulgaridade, do mau-gosto e do mais piegas sentimentalismo. É utilizá-los para a degradação moral e intelectual do homem.

Nunca houve maior contradição que a criada pela imensa possibilidade dos meios de comunicação de massas e sua comercial e aviltadora utilização.

Acabaremos por criar legiões intermináveis de homens sem pensamento, sem inquietação e sem curiosidade criadora para os quais, fora da rotina do trabalho, tudo se reduza a ver e ouvir as infundadas lutas entre os vaqueiros do Oeste, o disparo monótono de rifles, o morticínio em intermináveis guerras, toda a nudez feminina imaginável, todos os crimes perfeitos finalmente descobertos e toda a chateação da pior música e do mais baixo melodrama.

Certamente que este não é um perigo menor que o da guerra nuclear.

CUBA: CARTA AOS INTELECTUAIS LIVRES

Em março de 1959 Cuba recebia esta candente mensagem

Por Palomero

É necessário, antes de mais nada, definir com clareza quem tem direito a chamar-se e ser chamado «intelectual» e, entre os intelectuais, quais são «livres».

Intelectual é, por definição óbvia, aquele que tem como ocupação principal as coisas do intelecto, considerando acessórias quaisquer outras atividades. O que escreve, o que fala, o que discute descendo ao fundo filosófico, artístico, social ou político das questões. Se a essas atividades alia aquelas especificamente manuais das artes e do trabalho, tanto melhor; mas estas últimas, por si sós, não concedem categoria intelectualista.

Pode-se dançar muito bem, mesmo sendo analfabeto; pode-se mariejar os pincéis com relativa mestria e não conhecer nem uma palavra sobre os domínios pictóricos; pode-se saber curar o sarampo sem ter a menor notícia sobre Homero e Goethe, como uma dançarina de rumba pode me-

xer graciosamente as cadeiras, sem ter a obrigação de saber quem foi a índia Anacaona.

O intelectual, ao contrário, sem ser exímio em nenhuma arte, deve conhecer as artes e seus principais cultores; não sendo médico, deve saber distinguir entre Hipócrates, Galene e Flemming; sem ser padre, lama, bomzo ou ulemá, está obrigado a discernir entre os credos e filosofias encarnadas em cada um desses diferentes religiosos. Em fim, pede-se-lhe, porque deve possuir, cultura universal.

Para acrescentar à categoria de intelectual o adjetivo «livre», não basta cultura: colocado em qualquer zona do pensamento, o intelectual livre deve ser, por imperativo de sua condição, inconformado e rebelde. Um «intelectual livre» que se agarra às normas de tal ou qual escola ou se deixa bitolar em qualquer partido, aceitando sem discriminação suas ordens, nega sua mais legítima natureza,

fossilizando-se lamentavelmente.

Não se pode conceber a incondicionalidade permanente de um intelectual e muito menos de um «intelectual livre». Quando, por fraqueza moral ou procurando assegurar seus interesses pessoais, abandona o sagrado direito de discordar, nada mais é que um infeliz lacão, em quem o pensamento é afogado pelo preconceito, o medo ou o cálculo.

A opinião do intelectual, não importa qual seja, valoriza-se sempre pela independência. Quem a renuncia voluntariamente, fica catalogado no rebanho gregarista dos confrades, dentro da imensa tropa dos adaptados.

Por isso tudo, o intelectual ama a revolução, afirmando o direito de criticá-la e a glória de defendê-la; de oferecer-lhe indicações, de explicar ao povo seu alcance. De servi-la, por imperativo de seu mais essencial impulso.

Hoje, em Cuba, o intelectual não tem opção: o feito revolucionário está presente, iniciando o ciclo das possíveis mudanças transcendentais e a esse feito é preciso acorrer, para apoiá-lo, para avivar constantemente sua chama, salvando-o do perigo maior: o estancamento, que iniciaria seu retrocesso.

Como pode cumprir esse papel a intelectualidade livre?

Não será entregando-se, certamente, a não importa que personagem ou a qual aspecto transitório, ocasional do processo revolucionário. Salva-se a revolução precisamente por uma atitude de entusiasmo fiscalizador onde sobrepõem as virtudes existenciais por sobre todas as obras.

Nunca, como neste momento histórico que vivemos, foi tão possível haver confusão. Há radicalismos de esquerda que conduzem a situações tirânicas mais férreas que as contidas no mais fechado direitismo; há direitismo que se disfarça com roupas demagógicas para conseguir as piores retrogradações; há patriotismos exaltados, que trazem à pátria, inúmeros males e há extremismos moralizadores, cujos resultados imediatos ou distantes são totalmente imorais...

O intelectual deve saber distinguir entre o falso e o verdadeiro, encaminhando-se para o segundo, em honra da revolução.

Os maiores logros revolucionários, os que vão mais longe, originam-se na fé das massas. Durante o período de fé, encontram suas melhores oportunidades aqueles que animam o fogo das idéias.

Mas a fé e o melhor entusiasmo decaem quando as massas não alcançam logo os benefícios morais e materiais da Revolução; ou quando, por excesso de promessas, colocam suas esperanças muito longe e se julgam enganadas diante do contraste com a realidade.

Que melhor tarefa para o intelectual livre do que alimentar o entusiasmo como ferramenta e procurar demonstrá-lo com resultados rápidos e tangíveis? Que posição mais honesta do que a destinada a reconhecer a realidade das coisas e, sobre a mesma, o limite das possibilidades?

Existem fatores sociais deletérios à vida revolucionária, hostis ao seu desenvolvimento,

tão profunda e amplamente arraigados no meio, que só podem ser removidos aproveitando o ardor, a euforia dos primeiros momentos.

O intelectual livre, e por isso mesmo conhecedor desses fatores e até onde chegam sua extensão e intensidade, enfrentá-los decididamente até destruí-los ou enfraquecê-los.

O essencial para esse combate é a oportunidade de falar, de escrever. Para conseguí-lo, precisa quebrar o infame monopólio exercido sobre os meios de expressão por determinados interesses.

Falar, escrever, é fazer, é atuar. Os que clamam constantemente pelos fatos enquanto dão voltas no estreito espaço de sua jaula, não percebem a formidável potência da palavra, nem de que «No princípio era o Verbo», anunciador e flagelante.

A palavra livre e a pena solta, com bastante campo para mostrar idéias, lançar acusações, mostrar iniciativas. A palavra firme mas serena, desde a tribuna ou o jornal, para descobrir chagas ou marcar caminhos... Quanto pode ser realizado contando com essas catapultas!

As grandes melhoras econômicas para o povo, o avanço na cultura coletiva; a maior colaboração fraternal entre todos os fatores raciais que integram a nacionalidade cubana; a aproximação franca aos demais povos do continente e do mundo, sem exclusões odiosas; a dignificação constante do cidadão, como veículo da dignificação comum.

Não estamos diante de um movimento de total transformação nos fundamentos da Propriedade e do Estado; mas, estando explícita nele a determinação de revisar os modos de expressão de ambas as intuições, modificando-as de modo tal que marquem o caminho para mudanças futuras, podem ser indicadas grandes realizações, sem esquecer as circunstâncias de tempo e espaço.

Frente aos semeadores de ódios para tal ou qual nação, buscando com interpretações capciosas satisfazer parciais desejos e favorecer determinados interesses; frente a esses espalhadores de cinza envenenada, os intelectuais dignamente livres deverão erguer-se, proclamando a necessidade de aproximação de povo a povo, apelando, por sobre as tropelas ministeriais, ao nobre sentimento das multidões, chegando a elas sem submissões nem renúncias, como sem vãos alardes ofensivos.

Os intelectuais não podem mostrar-se avaros de seu saber e de seu conselho. Se o fazem, incorrerão em crime abominável.

Mais de uma vez afirmou-se, com razão, que é mais difícil ganhar a paz do que ganhar a guerra. Todavia, é preciso ganhar a paz. E a ganharemos, se para conquistar a vitória não faltarem as vontades honradas, os corações generosos, as mentes limpas.

Todas essas qualidades encontram-se na intelectualidade livre e ela tem o sagrado compromisso de executá-las plenamente.

— Nota da Redação: O presente documento foi divulgado em Cuba com data de 8 de março de 1959. Não foi ouvido e hoje não mais se fala em Cuba Livre.

O QUE É IMPERIALISMO?

1 — Acepção geral: é todo o esforço de dominação que visa estender a esfera de autoridade de um Estado a territórios vizinhos ou distantes. Esse esforço vem por vezes impregnado de consciência de uma missão que pode abeberar-se em idéias religiosas, culturais ou civilizadas.

O termo imperialismo tem sido usado em várias acepções através dos tempos. Rastos imperiais apresentaram já na antiguidade os impérios persas, alexandrino e especialmente o romano, em seu grande esforço para formar um «grande império», da mesma forma que, na alta Idade Média, o império germano-romano e ulteriormente os impérios espanhol e britânico. Desde o século 19 o imperialismo vem comumente associado ao nacionalismo, enaltecendo o anseio de realização e desenvolvimento nacional em um desenfreado impulso expansionista de um povo que se apresenta com reivindicações de líder; foi o caso da Revolução Francesa com o império napoleônico que dela promanou. Uma posição especial é a representada pelo pan-slavismo. A fundação do Império Alemão por Bismarck foi caracterizado como imperialismo. Por outro lado, evidenciaram-se tendências imperialistas na Liga Pan-Germanista (Alldeutscher Verband, 1891) e na ideologia nazista do «espaço vital» e sua política de expansão.

2 — Acepção especial: a política ultramarina de poder e expansão econômica desen-

volvida a partir de 1880 como consequente continuação da política colonial das grandes potências marítimas, começada nos séculos 16 e 18 por holandeses, portugueses, espanhóis, franceses e continuada pela Inglaterra. A Grã-Bretanha foi entre 1880 e 1914 a mais possante executora da política do imperialismo econômico, cuja finalidade era assegurar à metrópole novas fontes de matéria prima, e obter áreas de colonização para seus excessos demográficos. Preconizadores literários do imperialismo inglês foram Dilke (Greater Britain, 1868) e J. P. Seeley (The Expansion of England, 1883); políticos imperialistas: Disraeli, Cecil Rhodes e Joseph Chamberlain. A palavra imperialismo foi utilizada pela primeira vez pelos inimigos de Disraeli em 1880. Entraram na série das grandes potências imperialistas, a França, com sua política africana, a Rússia por suas conquistas no Cáucaso, na Ásia Central e no Extremo Oriente. Os Estados Unidos desde 1898 e o Japão desde 1895 e finalmente a Alemanha, com suas reivindicações mercantis e marítimas. Dada a posição das grandes potências na política mundial, todo imperialismo encerra o perigo de guerra. No marxismo-leninismo, imperialismo é o estágio final do capitalismo. Evidencia-se porém que um sistema de socialismo de estado como a URSS tende igualmente a dominação imperialista e de forma mais perigosa que a dos estados capitalistas.

Relação de donativos para «DEALBAR»

Maria Valverde, NCr\$ 4,00; Mara Valverde, NCr\$ 1,00; G. A. F., NCr\$ 1,00; Gumersindo, NCr\$ 5,00; He-Sh, NCr\$ 10,00; J. Valverde, NCr\$ 1,00; Atilio, NCr\$ 3,00; Trubillano, NCr\$ 10,00.

Severo, NCr\$ 2,00; Paco, NCr\$ 1,00; Raya, NCr\$ 1,00 Germinar de Amor, NCr\$ 1,00; Orlando Florêncio, NCr\$ 1,00; Jaime Cuberos, NCr\$ 5,00; Virgilio, NCr\$ 1,00; Vendas, NCr\$ 0,20.

Dia 12/12/67

A Voz do Silêncio

SACDE! O TEMPO, O NOSSO SILENCIO SERA MAIS PODEROSO QUE AS NOSSAS VOZES QUE HOJE SUFOCAM COM A MORTE!

Augusto Spies (1º de maio de 1887)

Os nossos companheiros italianos de «UMANITA NOVA» reproduziram esta reportagem de Jack Grey, correspondente especial do N. Y. «Graphic», por considerá-la um documento de grande importância que põe em relevo até que ponto pode chegar a brutalidade humana quando amparada em prerrogativas de absoluta impunidade. «Dealbar» faz outro tanto para tornar conhecida também no Brasil essa mancha negra que respingou de sangue inocente os códigos da Jurisdição Norte Americana. O caso de Sacco e Vanzetti voltou a ser assunto de atualidade devido a que o cinema e o teatro entenderam reviver esse hediondo crime jurídico praticado pela «Justiça» Yanque. UMANITA NOVA, assim se expressou:

O tremendo documento sobre o assassinato «técnico» dos dois mártires anarquistas, consumado legalmente na prisão de Charlestown, em 23 de agosto de 1927, é pouco conhecido, e o nosso companheiro Aldino Feliciani, valeroso animador na América do Comitê de Defesa pró Sacco e Vanzetti, recentemente desaparecido, o tinha enviado ao «AVANTI» no último ano para que fosse publicado juntamente com outro artigo que, em termos dramáticos, fala dos funerais dos dois anarquistas.

Somos gratos ao quotidiano Socialista pela publicação dos dois documentos que ocupam uma página inteira do jornal (de 23 de agosto), por ocasião do 40º aniversário do infame delito de Estado, e por consentir-nos a sua reprodução. Damos abaixo o primeiro artigo que descreve, em termos alucinantes, as várias fases da execução «científica» dos dois mártires.

NO 40º ANIVERSÁRIO DA TRAGÉDIA SACCO E VANZETTI, INOCENTES NA CADEIRA ELÉTRICA — A EXECUÇÃO: DE CABEÇA ALTA NA CÂMARA DA MORTE

As mãos dos oficiais do Estado de Massachussets cobriram-se de sangue esta noite. Bartolomeu Vanzetti e Nicola Sacco passaram à eternidade depois de sete anos de incomparáveis e indescritíveis torturas. Vinde comigo para esta casa da morte. Matam homens, mesmo de maneira diferente aqui, nesta Atenas dos Estados Unidos. Estes bostonianos, isto é, os bostonianos que cometem os assassinatos na prisão Estadual, são um metódico e frio bando de carrascos. A sala é assustadoramente branca e as luzes refletem um esplendor protético. Não há cadeiras para os testemunhas, elas permanecem em pé diante da cadeira elétrica, assim, tão próximas dela, a ponto de poder tocar no homem que aí está amarrado. Vi vinte homens morrerem na cadeira elétrica. Por muito tempo iludi-me de que estava imunizado contra o horror, mas quando entrei no matadouro das prisões de Charlestown, um horror frio me apertou e cerrou minha garganta quase sufocando-me. Queria sentar-me, mas não havia lugar. O meu pensamento voou até Sacco e Vanzetti. Eles tinham esperado escapar dessa odiosa e horrenda cadeira por sete anos. Por sete anos pensaram e sonharam com a morte, por dias e noites, e agora ela, tremenda e inexorável, estava ali, a poucos passos. Eu pensava naquilo que aqueles dois inocentes tinham sofrido por sete longos anos. Abraçei-os em pensamento e preparei-me para assistir à sua matança. Vi o chefe dos guardas esgueirar-se pela porta que separa a câmara de execução das celas dos condenados.

O SOLIDARISMO NAS RELAÇÕES HUMANAS

A solidariedade resolve muitos problemas que afligem as comunidades

Há iniciativas que, lançadas também como passatempo (hobby), tornam-se valiosos elementos de relações humanas, destacando-se em sua atuação a prática de atos significativos de elevado solidarismo social.

Está nesse caso o movimento esperantista. O desenvolvimento dos elementos de transporte, de dia a dia mais rápidos, e dos elementos de comunicações cada vez mais fáceis e seguros, as relações entre os povos de todos os quadrantes da Terra tornam-se mais frequentes e intensas.

Resta, entretanto, um embaraço a vencer — a diversidade de idiomas, que são inúmeros, além dos diversos dialetos usados em várias regiões de um mesmo país, dificultam as possibilidades dos entendimentos entre as criaturas, separadas apenas pela diversidade de língua.

E por isso que vem de longe o movimento em prol do estabelecimento de um idioma internacional. Em consequência dessa obra em favor da adoção de uma língua comum têm surgido vários idiomas preparados para esse fim, destacando-se dentre eles o Esperanto, o mais adotado, que está conseguindo difundir-se por todo o mundo.

Mantendo uma rede de organizações espalhadas por toda a parte, dispo de publicações e cursos, o Esperanto já tem sido incluído no currículo do ensino oficial, sendo também adotado como veículo para relações comerciais e de outras atividades.

Nos congressos internacionais esperantistas é usado exclusivamente o Esperanto entre os congressistas, oferecendo um espetáculo emocionante presenciar-se o convívio de gente de todas as raças e cores, usando os traços característicos de suas terras, entendendo-se perfeitamente, em estreita fraternidade.

Através do Esperanto travam-se relações e se estabelecem amizades que não têm em conta fronteiras, crenças ou princípios os mais divergentes. O Esperanto tornou-se um veículo de solidarismo. No Brasil o esperantismo tem bastante desenvolvimento, mantendo organizações e publicações.

Além dessa obra de solidarismo praticada entre os seus próprios membros, como no esperantismo, há um outro campo em que essa atividade — as relações entre os homens através das fronteiras — se desenvolve com irradiação mais extensa e com modalidades que envolvem emocionantes demonstrações de atos de solidariedade humana — o radioamadorismo.

Constantemente tem-se notícia de fatos dessa natureza e de cujo conhecimento nem sempre se aprende a sua profunda significação humana.

Num caso é uma criatura gravemente enferma em perigo de vida, residente em local isolado do interior do País precisando com urgência de certo medicamento. Um radioamador da zona lança um pedido de socorro pelo espaço. As ondas hertzianas servem de veículo para se estabelecer uma corrente de comunicações com outros colegas, o medicamento é conseguido e chega ao destino ainda a tempo de salvar o doente. De outra vez, um viajante faleceu em lugar distante do Estado, tornando-se preciso avisar a família. Os radiomadores entraram em ação, e a notícia, sendo divulgada pelo rádio com a indicação e loca-

Sem perder um minuto o chefe dos guardas foi a Sacco. Não se haviam passado dez segundos e voltou ao matadouro com Sacco. Apesar da greve de fome mantida heróicamente por 27 dias, Sacco caminhava com passos firmes. Estava pálido, mas sua palidez era mais que natural num homem que, por tantos anos, ficara segregado em uma cela sob a impressão horrenda da cadeira elétrica. A sua calma desconcertou os guardas encarregados das tristes funções, especialmente quando, sentando-se sozinho na cadeira fatal, convidou-os a cumprir a sua obrigação. Logo depois que os guardas o tinham prendido ao abominável instrumento de morte, ele, com voz clara e firme, completamente livre de qualquer emoção, disse: «Adeus minha companheira, meus filhos e todos os meus amigos». E logo depois, acrescentou: «Boa noite, senhores. Adeus mamãe. Viva o Anarquismo».

Enquanto Sacco pronunciava suas palavras de despedida, Elliott, o carrasco oficial, colocou-o à sua direita, com um diabólico sorriso no rosto. Mostrava-se contrariado com a demora e quando Sacco terminou suas palavras, lançou-se sobre ele, apertando-lhe o eletrodo sobre a cabeça e depois saltou, literalmente, para a caixa da corrente elétrica. Agarrou a alavanca e voltou-se ao Diretor. O Diretor deu o sinal. A alavanca desceu com violência e então, novamente, o bramido e o zunido da corrente elétrica, e a torrente de saliva que saía da boca do moribundo. As mãos de Sacco que tinham se agitado nervosamente sobre os braços da cadeira fatal, imediatamente enovelaram-se. As veias, em suas longas e brancas mãos, começaram a inchar tanto que temi que explodissem, espirrando sangue sobre nós. As veias jugulares começaram a engrossar lentamente, parecia-me que serpeassem sobre a garganta até que se transformaram em dois nós, um de cada lado e um do outro lado da garganta. Alguma outra coisa acontecia enquanto as veias jugulares engrossavam e tornavam-se nós: o pescoço inchava enormemente e tornava-se vermelho. Quando Sacco tinha sido atirado sobre a cadeira, eu tinha notado que estava muito inchado. Seu pescoço parecia um tubo de vapor, mas depois que a linfa agiu por cinco segundos, parecia o pescoço de um elefante. Enquanto esse monstruoso inchaço acontecia, a transpiração jorrava de sua boca, descendo em torrentes para a garganta.

19.000 volts de... Justiça Legal eram aproximadamente 1.000 graus Fahrenheit de calor. Comparem 1.000 graus F. com 100 graus à sombra quando vocês se lamentam do calor e terão uma pálida idéia de como os «cultos» conservadores de Massachussets queimam os homens vivos.

Meu Deus! Terá já existido espetáculo semelhante nesta chamada Atenas dos Estados Unidos? Três homens queimados vivos. Três homens lançados na noite eterna em 26 minutos! Mas voltemos a Sacco, porque ainda não terminamos. No segundo golpe de alavanca o corpo de Sacco agitou-se indescritivelmente. Não há palavras aptas a demonstrar como o pequeno e emaciado corpo do radical saltasse, e nada pode mostrar a expressão do rosto do carrasco oficial quando o corpo de Sacco se apertava contra as corréias como consequência da segunda descarga. Nicola Sacco foi considerado morto 12 minutos após meia-noite.

Agora considerem isto. Dois seres humanos foram queimados vivos em 12 minutos, seis minutos para cada um. Existe uma evidente superioridade sobre o Estado de Nova York, onde, normalmente, empregam-se 9 minutos para assar um homem. E com que rapidez os bostonianos tiram o morto da cadeira elétrica. Empregam menos tempo que para aí colocá-lo: são maravilhosos!

Mas 12 minutos haviam passado e na cela da morte permanecia o inofensivo, e poético Vanzetti. Tinha ficado

sentado na triste antecâmara por 12 minutos. Tinha visto, primeiro, Madeiros dirigir-se à morte e depois tinha visto seu velho amigo Sacco. E após a passagem de Sacco, ainda lhe restavam 6 minutos de espera. Completamente sozinho por 6 minutos. Que agonia!

Se algum ser humano viveu seis longos minutos de indizível dilaceramento, estes foram vividos por Vanzetti, o pobre vendedor de peixes, todo gentileza e poesia. Pois bem, Vanzetti veio, finalmente, para a câmara da morte. Entrou de cabeça alta, ar calmo e tranquilo.

Por Deus! Ninguém me fará acreditar que Vanzetti fosse um assassino. Havia uma expressão em seu rosto que parecia dizer: «E bem, estou aflito por todos vocês que me olham e por todos vocês que estão aqui para matar-me».

Nunca vi expressão parecida. Vanzetti tinha o rosto de um homem incapaz de fazer mal a um gatinho. Não me digam que ele foi o autor de um delito.

Vanzetti aproximou-se da cadeira elétrica, com um sorriso natural. Apertou efusivamente as mãos do Diretor da prisão, sentou-se espontaneamente e tranquilamente, olhou os presentes sem demonstrar que percebia da brutalidade com que os guardas lhe fixavam as corréias. O sorriso permanecia em seus lábios. Fêz sinal como quem fosse dizer algo. O Diretor Hendry ordenou aos guardas que se afastassem. Elliott, o carneiro de rosto mórbido, aproximou-se da caixa da corrente. Estava a ponto de fixar o eletrodo sobre a cabeça de Vanzetti quando o Diretor do matadouro ordenou-lhe que interrompesse. «Desejo reafirmar que sou inocente de todos os crimes, não só deste, mas de todos os crimes», disse Vanzetti. Hesitou por um segundo e prosseguiu. As suas palavras provocaram uma grande emoção. «Senhores», retomou, «perdoem-me todo o mal que me fizeram. Sou inocente. Nunca matei ninguém. Adeus senhores!»

Imaginem um criminoso dizendo isso a um bando de assassinos oficiais no momento em que estão para crucificá-lo. Não houve nunca qualquer crime no coração de Vanzetti.

Quando indicou que terminara de falar, a tétrica quadrilha começou o trabalho. Vanzetti mostrava um pequeno sinal de nervosismo. Observei suas mãos pendentes da extremidade dos braços da cadeira. Abaixavam-se e elevavam-se como as mãos de um coqueiro enlouquecido. De repente a alavanca abaixou-se e o impressionante espetáculo da morte observado nos outros dois repetiu-se. Um nauseante cheiro de carne queimada envolvia o matadouro humano. O pescoço assumia proporções espantosas enquanto a saliva escorria em vagas pela boca. Na segunda descarga o corpo sem vida pulou sobre a cadeira. Depois inchou, inchou enormemente como se quisesse arrebentar as corréias que o mantinham ligado à cadeira. Quando desligaram a corrente elétrica, o corpo caiu com outro lúgubre golpe.

Vanzetti estava morto. Sacco estava morto. Madeiros estava morto. Em 26 minutos a sanguinária Justiça humana tinha assassinado três homens, dois dos quais julgados inocentes por meio mundo. O Estado de Massachussets matava esses homens porque diz que a vida humana é sagrada. O Governador Fuller diz que crê na pena capital. Diz que o assassinato é necessário para prevenir o assassinato. Mas o Estado de Massachussets não fechou o seu caso com a morte de Madeiros, Sacco e Vanzetti. Não, ele fica mais aberto que antes.

JACK GREY

Correspondente especial do N. Y. «Graphic»

empregados na condução de veículos, etc., instalando bedouros para os animais em vários pontos da cidade.

Além dos abrigos e hospitais destinados, mediante pagamento, a prestar serviços de auxílio aos animais, de iniciativa particular, há na mesma cidade uma nova instituição, com ramificações em outras cidades, com a finalidade de manter abrigos para cães abandonados. Essas instituições são mantidas por contribuições dos adeptos de suas finalidades.

Outras atividades particulares

Muitas outras, e bem numerosas, são as atividades promovidas pela iniciativa particular, sem fins lucrativos, que poderiam ser mencionadas nesta sumária demonstração, o que não é permitido pela exiguidade do espaço que lhe é destinado.

Movimento de oportuna atividade é o municipalista (ou comunalista), com organização ramificada pelo País afora, tendo por finalidade ser conseguido tornar o município a unidade primacial na organização administrativa do País.

Há também uma organização de iniciativa particular, já com muitos anos de atividade na promoção de atos em favor da racionalização do trabalho (Instituto de Racionalização do Trabalho).

EDGARD LEUENROTH

Aviso aos nossos colaboradores

Visto termos recebido alguns trabalhos que fogem ao critério estabelecido pelo «Grupo Editor» de «Dealbar», informamos aos que não virem seus trabalhos publicados, que preferimos manter inalterado o critério estabelecido. As colunas do nosso jornal estão abertas e a disposição de toda pessoa que nos queira honrar com sua capacidade intelectual, artística, literária, científica e filosófica, desde que seja no sentido de educar, orientar e ilustrar a população.

Repetimos mais uma vez: não somos políticos e nada queremos para nós, pois até a atividade que emprestamos ao jornal é feita graciosamente em horas que roubamos ao lazer. Estamos na liça, livre

O DIRETOR

PENSAMENTO

A reciprocidade é o princípio de colaboração humana, ou seja, o primeiro passo para uma sociedade livre, onde o privilégio seja patrimônio comum e a comunidade privilegiada de todos.

Pedro Catalo

«Onde reina a justiça, ser obediente é ser livre».

J. MONTGOMERY

Autoritarismo

(continuação do número anterior)

A diferença entre autoridade racional e inibidora é meramente relativa. Mesmo na relação entre escravo e senhor há elementos de vantagem para o escravo. Ele obtém um mínimo de alimento e proteção que ao menos lhe possibilita trabalhar para o senhor. Por outro lado, é só em uma relação ideal entre professor e aluno que encontramos absoluta ausência de antagonismo de interesse. Há muitas gradações entre esses dois casos extremos, como na relação entre o operário e seu patrão, ou entre o filho de um fazendeiro e este, ou entre uma dona de casa e o marido. Não obstante, se bem que os dois tipos de autoridade estejam harmonizados, são intrinsecamente diferentes, e uma análise de uma situação autoritária real deve sempre determinar o peso específico de cada tipo de autoridade.

A autoridade não tem de ser uma pessoa ou instituição, que diga: você tem de fazer isto ou você não pode fazer aquilo. Enquanto este tipo possa ser denominado autoridade externa, a autoridade pode mostrar-se como algo interno, sob o nome de consciência, dever ou superego. Em verdade, a evolução do pensamento moderno, desde o protestantismo até a filosofia de Kant, pode ser caracterizada como a substituição da autoridade externa por outra interiorizada. Com as vitórias políticas da nascente classe média, a autoridade externa perdeu prestígio e a própria consciência do homem assumiu o lugar antes ocupado pela autoridade externa. Esta modificação afirmou-se a muitos como sendo a vitória da liberdade. Submeter-se a ordens vindas de fora (pelo menos em questão espiritual) parecia indigno de um homem livre; mas a vitória sobre suas inclinações naturais e o estabelecimento do domínio de uma parte do indivíduo, sua natureza, por outra, sua razão, vontade ou consciência, assemelhavam-se à essência mesma da liberdade. A análise demonstra que a consciência governa com rigor tão grande quanto o de autoridades externas e, outrossim, que freqüentemente o conteúdo das ordens expedidas pela consciência do homem são ditadas, em última instância, não pelas exigências do eu individual, porém por exigências sociais que assumiram a dignidade de normas éticas. O império da consciência pode ser ainda mais severo que o de autoridades externas, pois desde que o indivíduo encara as ordens dela como sendo dele próprio, como irá rebelar-se contra si mesma?

Nos últimos decênios, a «consciência» perdeu muito de seu significado. Parece como se nem autoridades externas nem tampouco internas dessemelharam qualquer papel de destaque na vida dos indivíduos. Todos são completamente «livres», desde que não interfiram nas reivindicações legítimas dos outros. Constatamos, todavia, que em vez de desaparecer a autoridade fez-se invisível. Em lugar de autoridade ostensiva, reina a autoridade «anônima». Ela disfarça-se como senso comum, ciência, saúde mental, normalidade, opinião pública. Nada exige além do que é evidente por si mesma. Parece não empregar pressão, mas apenas uma persuasão suave. Quer se trate de uma mãe dizendo à filha: «Gostaria que você não fizesse questão de sair com esse rapaz», ou de um anúncio sugerindo «Fume esta marca de cigarros — você apreciará seu frescor», é o mesmo ambiente de sutil sugestão de que está realmente embebida toda nossa vida social. A autoridade anônima é mais eficaz do que a ostensiva, porquanto nunca se desconfia de que haja uma ordem que por hipótese se deve obedecer. Na autoridade externa está claro que há uma ordem e quem a dá; pode-se lutar contra a autoridade, e, nesta luta, desenvolvem-se a independência e a coragem moral. Mas, ao passo que na autoridade interiorizada o comando, se bem que interno, continua visível, na autoridade anônima tanto o comando quanto o mandante tornam-se invisíveis. É como se a gente fosse alvejada por um inimigo invisível: não há nada nem ninguém contra que se possa reagir.

ERICH FROMM

(continua no próximo número)

CUBA: O terror em números

O jornal «Cuba Laboral», publicado pelo «Frente Obrero Revolucionário Democrático Cubano», com sede em Miami, reproduz em seu número de maio do corrente uma informação divulgada semanas antes pelo «Amigo do Povo» (jornal publicado no exílio e com circulação em Cuba) sobre os presos políticos existentes sob o regime totalitário de Fidel Castro. Esclareceu que o número de presos é maior do que o assinalado naquela informe, alcançando a pelo menos 75.000, e que as chamadas «granjas de reabilitação» são verdadeiros campos de concentração do mesmo tipo que os tristemente célebres ao tempo de Stalin na Rússia, que chegaram a somar mais de vinte milhões de condenados a trabalhos forçados.

O quadro abaixo reproduz o número de presos por província:

Pinar del Rio	7.330
Havana	11.348
Matanzas	3.980
Las Villas	4.760
Camaguey	3.400
Oriente	11.498
Umap	27.000
TOTAL em toda a ilha	69.316

De acordo com a mesma publicação, verifica-se que nas prisões comuns estão encarcerados exatamente 15.000 presos, enquanto que nas «granjas de reabilitação» estão 54.316. A sigla «Umap» (que aparece no quadro acima) significa «Unidades Militares de Ajuda à Produção», cujos campos se localizam na província de Camaguey.

Na relação aparece apenas um presídio de mulheres, em Guanajay, província de Pinar del Rio, com 70 presas.

Na província de Havana existiam mais três «granjas de reabilitação», com capacidade total de 3.100 presos, e uma delas inaugurada ainda em dezembro de 1966, data em que foram obtidos os dados da notícia.

O SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SÃO PAULO, NUMA DEMONSTRAÇÃO DE CARINHO E RESPEITO PELOS VELHOS PROFISIONAIS DA IMPRENSA, PROMOVEU UMA SIGNIFICATIVA HOMENAGEM A TODOS OS JORNALISTAS QUE TIVESSEM MAIS DE 30 ANOS DE ATIVIDADE PROFISSIONAL. EM SUA REPORTAGEM «O ESTADO DE SÃO PAULO» ASSIM SE EXPRESSOU:

«A homenagem que lhes preparou o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo causou reações diversas entre os profissionais, que chegaram ao Palácio Mauá entre desconfiados e céticos. Eram 167, ao todo. Juntos, eles trabalharam 5.010 anos.

A alegria de reencontrar velhos companheiros, no entanto, e a euforia de alguns, contagiaram a maioria, ao final da homenagem todos estavam comovidos. O jornalista mais velho de São Paulo, Edgard Leuenroth, que escrevia no jornal «O Boi», em 1897, foi a grande figura da festa. Com 86 anos, ele ainda conversa ao mesmo tempo com quatro ou cinco pessoas e fala de coisas acontecidas no século passado como se fosse ontem.

Para a homenagem, várias autoridades de São Paulo estiveram presentes. Dona Maria Sodré presidiu os trabalhos e o secretário do Governo, Felício Castelano, representou o governador. Como eram muitos os jornalistas a receberem o troféu, por 30 anos de imprensa, foram escolhidos quatro deles, para representar todos os companheiros. Edgard Leuenroth foi o primeiro: em segundo lugar, representando os jornalistas de Santos, foi chamado Atenor Rodrigues Duarte, que mesmo enfermo quis comparecer à festa. Depois foram chamados Sérgio Blumer Bastos e Américo Neto do Rego».

Assim, no mês passado, aos 86 anos de idade, com a mente lúcida, Norte seguro e

a vivacidade que o caracterizou durante a sua vida, o velho mestre e companheiro de tantas lutas, Edgard Leuenroth, foi agraciado com o troféu que o consagra como o mais antigo artífice da Imprensa Paulista. É uma honra que cabe muito bem a esse irrequieto jornalista que nunca buscou acomodar-se dentro das conveniências sociais. A sua pena jamais se curvou às inverdades, não postulou bafejos e nunca os seduziram proveitos desonestos. Sua vida é uma linha reta que não acusa desvios, é uma constante que pode servir de exemplo a quem quiser ostentar caráter.

A sua inquietação ideológica, sempre ao lado dos humildes, granjeou-lhe por inúmeras vezes a sombria recep-

ção do cárcere de onde Edgard Leuenroth saía robustecido em sua convicção ideológica. A natureza deu a ele condições específicas que o distinguiram em sua perseverante vida de militante libertário. A sua estatura esguia e aprimorada, rosto evangelizante e uma vasta cabeleira pósta encima de um cérebro privilegiado, davam-lhe (e ainda agora) o aspecto clássico do tribuno agitador. Dono de uma voz troante e de um verbo polido, inflamante e bem brasileiro, davam-lhe a garantia de triunfo em suas intervenções e admiração dos próprios adversários.

Não pretendemos fazer a biografia do nosso velho mestre, 70 anos de lide jornalística e de intensa luta social, fazem-no credor de um mas-

sudo e credenciado livro. Quem nos dera ter fôlego e competência para escrevê-lo. Queremos, aproveitando esse louável acontecimento, manifestar ao venerando e particular amigo Edgard Leuenroth, todo o nosso orgulho e o nosso respeito por tão merecido prêmio.

Entre os 167 velhos batalhadores da Imprensa, estava também Herminio Sacchetta, nosso amigo por mais de 30 anos e competente profissional.

Ao bom e velho amigo Sacchetta, deixamos aqui os nossos parabéns e a nossa imortredoura admiração.

Parabéns Sacchetta. Parabéns Edgard.

CATALLO



Registramos com orgulho, o momento em que o velho, mas incansável batalhador, com 86 anos bem vividos, Edgard Leuenroth, recebia da lady de S. Paulo, Dona Maria do Carmo de Abreu Sodré, o troféu a que fez jus, por sua valentia e denodo em enfrentar os problemas sociais com sua fulgurante pena. Parabéns do «Dealbar»

SEM ENGANOS

Mesmo acusando governo de violarem direitos Sagrados, pode ser que estejamos violentando.

A humanidade acumulou tão vasta e alentadora experiência que todos deveriam reconhecer, sem vacilações, que nenhum gênero de ditadura possui soluções efetivas para resolver os problemas e satisfazer as aspirações fundamentais do homem. Esta verdade deveria ser já axiomática, mas desafortunadamente os credos ditatoriais e as tendências totalitárias encontram panegiristas e seguidores nos mais dispares degraus da sociedade.

São muitos os que, intencionalmente ou por ignorância, confundem e pretendem fazer confundir um ideal de autêntico conteúdo humanístico, qual seja o socialismo, com aquilo que representa sua mais flagrante negação. Propagandistas da ditadura estilo bolchevista ou acérrimos conservadores aferrados contra todo progresso social,

sedicentes revolucionários de extrema direita, todos coincidem em denominar o império sob domínio comunista de «mundo socialista»; não faltam, também, em toda parte certos chamados «liberais» que fomentam o equívoco sustentando que o que existe por trás da «cortina-de-ferro», na China continental ou em Cuba, exemplifica os resultados do «coletivismo» e mostra as consequências da «revolução social».

É bem conhecida aquela espécie de indivíduos que, na América, sentem especial afeto pelos «governos fortes», que proliferam no mundo ocidental e cristão. Seu pretexto mais frequente para justificar a supressão das liberdades e direitos individuais e coletivos, é a necessidade de maior eficiência, quer para impulsionar o progres-

so, quer para combater a «subversão totalitária», limitando quase sempre este qualificativo para o comunismo de nosso tempo.

Se é certo que os adeptos do totalitarismo «marxista-leninista» continuam coadunando a liberdade como preconceito burguês, embora exigindo-a nos países que não estão sob seu império, é certo, também, que governantes embaixados no «anticomunismo» não têm o menor escrúpulo em aplicar métodos totalitários, anulando todo controle e crítica aos seus atos, implantando a censura abertamente ou de forma camuflada.

Para certa gente, o limite certo até onde pode consentir-se a liberdade, é aquele que marca a inviolabilidade de seus interesses particulares e privilégios. Quando esse limite pode ser ultrapassado, torna-se lícito que possa evitar os riscos do que eles julgam como perigosas experiências econômicas e sociais. Desaparece, então, o decantado apêgo ao Direito, à Justiça, à dignidade da pessoa; em tais ocasiões, os que habitualmente pregam contra a expansão do Estado, exigem que este ponha em ação toda a força de seu aparato preventivo e repressivo. Como se pode apreciar pelas colunas dos grandes diários catalogados como liberais, as alegações «anti-estatais» misturam-se cáldas justificativas de medidas de governo que significam evidentes intromissões no terreno do direito individual. É fácil adivinhar que freqüentes denunciadores da infiltração totalitária nas organizações sindicais ou em outras organizações e ambientes, escudam-se na defesa da democracia, mas inspiram-se no mais cru reacionarismo social; na verdade, interessa-lhes SUA liberdade para atuar sem freios nem obstáculos e lutam pela extinção de toda atividade ou instituição destinada a buscar o melhoramento da sociedade.

Contam loas à liberdade mas, valendo-se do poder que têm nas mãos, julgam-se com

faculdades para obrigar os demais a viver como eles bem entendem por meio de leis, códigos, decretos e regulamentos disciplinares cujo cumprimento é inapelável. Intitulando-se intérpretes do destino de um país e criadores de sua grandeza, invocam garantias inexistentes ou artificiais. Não existe ditadura que não apregoe que conta com o consenso da opinião majoritária e até mesmo de todo o povo, precisamente quando é impedida qualquer manifestação de discordância, não existem possibilidades de uma oposição efetiva e o clima de terror traduz-se pelo silêncio tão característico de todos os regimes de força.

Certos governos acusam outros de violar direitos sagrados do indivíduo mediante métodos totalitários, mas utilizam processos que, embora diferentes na intensidade da compulsão, são dirigidos a obter idêntico resultado. O absolutismo sem máscara vigia e castiga até apagar todo vestígio de livre pensamento e iniciativa; o absolutismo disfarçado de humanitário e democrata, fala do respeito aos direitos, mas arreganha os dentes armados do inexorável aparato para fazer cumprir determinados objetivos. No cume do poder ilimitado, o morbo autoritário gera em todos os casos os instrumentos aniquiladores da liberdade.

Com o símbolo da foice e o martelo ou com o signo da cruz, sob a bandeira da «revolução popular», do nacionalismo, do militarismo; sob qualquer símbolo e sem distinção dos fins que exibem como pretexto, o efeito inevitável da ausência de liberdade é a degradação em todos os planos.

Em cima, a soberba do mando e os privilégios que atraem ao poder, conduzem a todos os extremos de uma implacável dominação; em baixo, a submissão conseguida através do terror físico e psicológico esvazia tudo o que demarca no homem uma personalidade, convertendo-o em mais um número sem alma da servil massa.

Monólogo

J. G. DE ARAUJO JORGE

Meu Filho

se te dissesse que poderia haver um mundo de duas classes em que uns trabalham e outros não, e os que trabalham mendigam, passam fome, e os inúteis gozam e esperdiçam.

Se te dissesse que poderia haver um mundo em que uns têm tudo; pão, remédio, crianças, futuro, — já nasceram proprietários do futuro, — e outros, não têm nada, nem mesmo os meios para a luta a grande luta, desigual.

Se te dissesse que neste mundo há homens de automóveis, tapetes, mulheres perfumadas, e homens na chuva, ao relento, mulheres nas calçadas, e aos primeiros não causa a menor impressão tal acontecimento e os outros não se revoltam, — estendem apenas a mão vazia e exalam lamúrias.

Se te disse que a justiça e a fé são mercadorias inacessíveis aos realmente necessitados; e o Direito é apenas a lei que manterá tal estado de coisas; e há homens que jogam a riqueza pelo prazer de jogar e os outros que a mereciam e morrem sem conquistá-la.

E se te dissesse que apesar de tudo, este mundo existe realmente, e vive, e progride, e avança, haviás de me dizer: — impossível meu pai; um tal mundo jamais poderia existir.

Entretanto meu filho, basta abrires teus olhos aí está, — parece incrível, não é? — mas aí está.